

## UMA IGREJA COM A ALMA DO MOVIMENTO DE SANTIDADE AMERICANA<sup>1</sup> UMA PERSPECTIVA NORTE AMERICANA

Harold E. Raser, Nazarene Theological Seminary

A histórica declaração no *Manual* da Igreja do Nazareno começa exactamente onde devia iniciar: por declarar em termos claros que a Igreja do Nazareno compreende-se como sendo “um ramo da igreja ‘única, santa, universal, e apostólica’ e tem buscado ser fiel a isso.”<sup>2</sup> E depois clarifica que a sua história começa com a “história do povo de Deus registada no Velho e Novo Testamentos,” e que ela “inclui essa mesma história como se estendeu desde os dias dos apóstolos aos nossos.”<sup>3</sup> Afirma a unidade essencial dos Nazarenos com “o povo de Deus através dos tempos, os redimidos através de Jesus Cristo *em seja qual for a expressão* da única igreja em que possam encontrar-se.”<sup>4</sup>

Esta é uma ampla, declaração inclusiva da identidade Nazarena. Quem são os Nazarenos? Somos parte do povo histórico de Deus, a igreja de Jesus Cristo, a “única, santa, universal e apostólica” igreja. Aqui é precisamente onde os Nazarenos deviam começar no endereçar os assuntos de quem e o que somos, quem e o que temos sido, e quem e o que aspiramos ser no futuro. Contudo, a nossa declaração de unidade com a igreja Católica também inclui uma indicação de porque é que há um Nazareno separado “ramo” na “árvore” Cristã” “a igreja do Nazareno tem *respondido ao seu chamado especial de proclamar a doutrina e experiência de santificação inteira.*”<sup>5</sup> Que é, a Igreja do Nazareno acredita que foi chamada para a existência para dar um claro e definitivo testemunho a um aspecto do Evangelho Cristão que, no tempo da sua fundação como um “ramo” distinto da Igreja de Jesus Cristo, pareceu ser largamente negligenciada pelas expressões existentes da igreja católica.

---

<sup>1</sup> Este título é inspirado pelo título de um ensaio clássico (que foi em si inspirado pela observação do G.K. Chesterton) pelo historiador Sidney Mead, analisando a Religião na América, que apareceu primeiro como um artigo de jornal, e mais tarde em forma de livro como parte de uma colecção de ensaios. Ver Sidney E. Mead, “A ‘Nação com a alma de uma Igreja’” em *História da Igreja*, vol. 36, 03, Setembro, 1967, 262-283 e Sidney E. Mead, *A Nação com Alma de uma Igreja* (Nova Iorque, NY: Harper and Row, 1975).

<sup>2</sup> Ver *Manual*, 2009-2013, p. 14.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Ibid. Ênfase Acrescentada.

<sup>5</sup> Ibid. Ênfase Acrescentada.

Uma vez que a fundação da igreja do Nazareno quase no início do século 20, Os Nazarenos têm as vezes enfatizado o seu “especial chamado” – que eles clamam ser a única razão por que existem – mais do que a unidade deles com a igreja histórica. Em outros tempos, a afirmação da unidade e inclusividade fez-se soar mais audivelmente.<sup>6</sup> Alguém podia argumentar que nas primeiras poucas gerações da história do Nazareno o sentido de “especial chamado” era predominante. Isto era, depois de tudo, o que os Nazarenos acreditavam contava para a existência deles como um “ramo” distinto da igreja de Jesus Cristo. Os Nazarenos existiram a fim de pregar, ensinar, e viver a “santidade” como expressado na doutrina de santificação inteira. O que foi mais importante aos Nazarenos era o que fazia deles “especiais” e distintos e justificavam a sua existência separada.

Em tempos mais recentes, contudo (como reflectido no *Manual* revisto declaração histórica em 1989, e outros desenvolvimentos), os Nazarenos começaram a reflector mais profundamente nos elementos comuns que partilham com os Cristãos através da história, e para afirmar estes elementos como não menos importante que os Nazarenos “distintivos denominacionais” – com certeza, como de importância *primária* na identificação da identidade fundamental da Igreja do Nazareno. Muitos factores jogaram nisto, não o menos do qual está o “sucesso” Nazareno no construir uma igreja “global” com mais de dois milhões de membros durante o século passado. Como a igreja tem crescido numericamente e expandido geograficamente com pontos de diferentes culturas, tem sido levada a perguntar-se se é primeiramente um movimento religioso Norte Americano do século 19 com particular inclinação na verdade Cristã – ou, se é algo mais do que isso.

Num nível teórico, é muito óbvio que a Igreja do Nazareno seja concerteza algo mais que um “movimento religioso Norte Americano do século 19 com uma particular inclinação à verdade Cristã.” Os que são inclinados a reflectirem nesses assuntos afirmam sem hesitação que

---

<sup>6</sup> A corrente “Declaração Histórica” não entrou no *Manual até* 1989. As declarações históricas prévias enfatizaram as origens do século 19 da Igreja no Movimento de Santidade Americana e as especiais circunstâncias de vários (principalmente grupos Americanos) que se uniram nos princípios do século 20 para formarem a fundação para a Igreja. Compare o *Manual da Igreja do Nazareno, 1989* (cidade de Kansas, MO: Nazarene Publishing House, 1989), 15-25 e o *Manual da Igreja do Nazareno, 1985* (Cidade de Kansas, MO: Nazarene Publishing House, 1985), 15-20. Adicionando ao ancorar a Igreja do Nazareno firmemente nos fundamentos básicos da história Cristã, a nova declaração em 1989 também significativamente alargou o lugar dos não-Americanos na narrativa histórica.

as raízes da Igreja do Nazareno dirigem profundamente para o solo da tradição Cristã. A Igreja do Nazareno é primeiro e primariamente “Cristã” – e só então “Santidade” ou “Wesleiano” ou “Protestante.” E ainda, num nível prático tal importante reconhecimento teórico pode – ou pode não – marcar ou formar a actual vida da igreja em suas várias formas (ex., congregações locais, distritos, regiões, e estruturas da “igreja geral”).

Este papel assume que esforços de ancorar a identidade Nazarena na ampla tradição histórica Cristã são mais adequados do que os que focalizam primeiramente na “santidade” Americana do século 19 e raízes Wesleianas. Contudo, reconhece também a importância vital das raízes Americanas, Santidade Wesleianas na formação de quem e o que é que na verdade foram, ou tentados a ser durante o primeiro século de sua existência. Este papel propõe, de facto, que empregar lentes interpretativas que foram extremamente úteis na compreensão da história do Movimento de Santidade Americana é igualmente útil no analisar a trajetória histórica da Igreja do Nazareno durante o primeiro século, ajudando a significativamente iluminar o que a Igreja do Nazareno “foi.”<sup>7</sup>

O historiador Melvin E. Dieter no seu estudo clássico do Movimento de Santidade Americana, *O Reavivamento de Santidade do Século Dezanove* providenciou estas lentes interpretativas.<sup>8</sup> Neste livro Dieter escreveu que o “reavivamento de santidade” (que em tempo produziu “igrejas de santidade, independentes” incluindo a Igreja do Nazareno) resultou de uma “reunião da mente Americana, reavivalismo predominante, e perfeccionismo Wesleiano.”<sup>9</sup> É minha convicção que estes “ingredientes” no reavivamento de santidade foram totalmente evidentes nas novas igrejas que ela produziu, e que esses ingredientes foram as primeiras influências que formaram o pensamento e prática destas igrejas – particularmente a Igreja do Nazareno – durante a maior parte do século 20. Que é, luto para que possamos entender melhor a trajetória histórica da Igreja do Nazareno por observá-la através de lentes providenciadas por Dieter para o Movimento de Santidade como um todo. Este papel tenta

---

<sup>7</sup> A mais compreensiva narrativa geral da história da Igreja do Nazareno é Floyd Cunningham, Stan Ingersol, Harold E. Raser, David P. Whitelaw, *Nosso lema e canção: a História Centenária da Igreja do Nazareno* (cidade de Kansas, MO: Beacon Hill Press da cidade de Kansas, 2009).

<sup>8</sup> Melvin E. Dieter, *O Reavivamento de Santidade do Século Dezanove* (Lanham, MD: Scarecrow Press, 1996).

<sup>9</sup> Dieter, *O Reavivamento de Santidade*, 3.

identificar, pelo menos da forma preliminar, alguns assuntos importantes para a reflexão que imerge do tal exercício.

### “A MENTE AMERICANA”

“A mente Americana” é o primeiro elemento constituinte no movimento de Santidade do século 19 que Dieter identifica. Isto é mais que Ocidental: é uma indicação de que Dieter encontra o “carácter Americano” do Movimento de Santidade colorir todas as outras coisas. Dieter, infelizmente, não providencia uma definição sucinta de “a mente Americana” algures em seu livro, mas é bem fácil tirar algumas de suas destacadas características de sua discussão global do Movimento de Santidade.

Por uma coisa, a “mente Americana” refere-se simplesmente à maneira como os Americanos no século dezanove chegaram a pensar sobre a Cristandade e religião como resultado de seus (relativamente breves) trezentos anos no assim chamado “Novo Mundo.”<sup>10</sup> Destaques disto (a meio –século 19) incluía a primitiva e duradoura diversidade religiosa (embora largamente contida dentro de um quadro largamente “Protestante” até os meados do –século 19); uma crença no “excepcionalismo” da América (hedade especialmente de Puritanos Americanos Ingleses que viam-se como “Novo Israel de Deus,” guiados por Deus para a sua “Terra Prometida” [América] a fim de continuar um “Povo Santo” cujo exemplo e influência revitalizariam a Igreja Cristã, e o mundo inteiro); empreendendo ““experiência” sem precedentes na liberdade religiosa e tolerância depois da Guerra Americana pela Independência (1776-1783), que rejeitou a ideia de uma “igreja nacional,” fez da liberdade religiosa um elemento essencial na lei Americana, e criou um quadro político essencialmente secular para a nova nação (que geralmente abraçou, mas secularizou o conceito Puritano do “excepcionalismo” Americano); o profundo impacto do reavivamento e “reavivalismo” –manifestado de forma notável no Grande

---

<sup>10</sup> Úteis explorações da única “Experiência Religiosa Americana” que ultrapassou o tempo formado “Velho Mundo” tradições religiosas para denominações “Americanas” são: Jon Butler, Grant Wacker and Randall Balmer, *Religião na Vida Americana: Uma Curta História* (Oxford e New York: Oxford University Press, 2003); Sidney E. Mead, *A Experiência encantadora: A Formação do Cristianismo na América* (Nova Iorque, NY: Harper e Row, 1963); Mark A. Noll, *A Velha Religião num Mundo Novo: A História da Cristandade Norte Americana* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2002); Nathan O. Hatch, *A Democratização da Cristandade Americana* (Novo Haven, CT: Yale University Press, 1989).

Despertamento (nos princípios do século 19); uma segura proliferação de movimentos religiosos e igrejas, especialmente em conexão com o Grande Despertamento, a Guerra da Independência, e o Segundo Grande Despertamento; a evolução do sistema “denominacional” e conceito denominacional da igreja – que providencia um quadro pragmático por lidar com diversidade religiosa -- (Sidney Mead, na *Experiência Viva*, datas o estágio formativo deste desenvolvimento como ocorrendo principalmente entre 1780 e 1850).<sup>11</sup> Tudo isto, e mais, ajudou a formar a “mente Americana” com respeito à religião.

Mas, com certeza, a “mente Americana” não foi simplesmente concernente à religião. Da experiência de migração, o encontro com o alinhamento Europeu e seus pensadores nos finais de dos séculos 17 e 18 justo como os “colonos” começavam a desenvolver uma consciência “nacional”, rebelião com sucesso contra a dominação Britânica, a criação de uma nova nação, literalmente construindo infra-estruturas físicas, políticas, legais, económicos educacionais e outras de civilização ocidental debaixo para cima num novo lugar, criando comunidade num “deserto,” e imergindo em vários séculos como um jogador significativo entre as nações no estágio mundial, os Americanos adquiriram um número de distintos traços da mente.

Saliente entre estes traços foram: uma suspeita em autoridade hierárquica e uma preferência para formas democráticas ou participatória de autoridade; preferir o julgamento de “pessoa comum” Àquela das “elites;” um foco no presente e futuro, com uma tendência a negar qualquer valor formtivo positivo à história ou “tradição;” uma preferência para a acção decisiva e definida e impaciência com o processo, reflexão, e especulação; uma prática, “pragmática” aproximação a muito tudo – estabelecendo o valor de alguma coisa primariamente na base de se ou não tem uma aplicação prática clara;<sup>12</sup> e uma prontidão – mesmo ansiedade –para inovar sempre que oportunidades se levantarem. De acordo com o Dieter, esta “ mente Americana” –

---

<sup>11</sup> Campina, “Denominacionalismo: a forma do Protestantismo na América,” na *Experiência encantadora*, 103-133.

<sup>12</sup> “Pragmatismo” pode referir simplesmente a uma mais ampla aproximação à vida. Contudo, Pode também com certeza referir-se a um Movimento concebido nos Estados Unidos nos finais do século 19 por pensadores tais como Pierce (1839-1914) e William James (1842-1910) e depois desenvolveu no século 20 por John Dewey (1859-1952) e outros. Ver Morton Gabriel White, *o Pragmatismo e a Mente Americana: Ensaio e Revisões na Filosofia e História Intelectual* (Nova Iorque, NY: Oxford University Press, 1973).

esboçou muito largamente acima – foi a característica de formar arco por cima do Reavivamento de Santidade do século 19.

### “REVIVALISMO PREDOMINANTE”

O Movimento de Santidade nasceu durante o auge do “revivalismo” na América. E não houve acidente que a primeira organização significativa para imergir do movimento foi a “Associação ao Encontro do Campo Nacional para a Promoção de Santidade,” fundado em 1867. O seu propósito original foi de promover santificação inteira através de metodologia de reuniões do campo reavivalístico e “reuniões prolongadas,” e tornava-se modelo a todas as organizações de santidade subsequentes, um número do qual desenvolveu-se a “igrejas” de santidade nos finais do século 19.

Num respecto reavivamento foi uma característica da “mente Americana” como foi formado pela experiência histórico distintiva de religião no “Novo Mundo,” como notou-se acima. Em outro respeito, contudo, é característica definida da religião Americana do século dezanove. O Revivalismo nasceu do Grande Despertamento do século 18 e o Segundo Grande Despertaento dos princípios do século 19. De analisar estes “despertamentos” religiosos (que parecia a muitas pessoas ter começado mais ou menos espontâneamente, iniciado pelo Espírito Santo), líderes religiosos desenvolveram uma metodologia que acreditavam interminavelmente reproduzir despertamento – ou “reavivamento.”<sup>13</sup>

A expressão clássica de “revivalismo,” um livro chamado *Conferência em Reavivamento de Religião*, foi publicado em 1835 por Charles G. Finney.<sup>14</sup> No seu livro, Finney sublinhar os princípios básicos de revivalismo como descobriu, praticou, e refinou os durante onze anos como evangelista viajante. Ele acreditava que estes princípios descansavam em “leis” espirituais divinas que era justamente como definido e dependível como qualquer lei observável da natureza (cf. a influência do pensamento do Alinhamento Americano). Numa declaração

---

<sup>13</sup> Há muitos estudos úteis de despertamento e reavivamentos na América. Alguns dos melhores são os William Warren Sweet, *Revivalismo na America: Sua Origem, Crescimento, e Declinar* (Nova Iorque, NY: Charles Scribner e Filhos, 1944); William G. McLoughlin, *Revivalism MODerno: Charles Grandison Finney a Billy Graham* (Nova Iorque, NY: the Ronald Press, 1959); Timothy L. Smith, *Revivalismo e Reforma Social na América dos meados do Século Dezanove America* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1957).

<sup>14</sup> Ver a edição crítica editada e com uma introção por William G. McLoughlin, *Conferência em Religião de Reavivamentos* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1960).

muito citada, Finney apresentou o seu entendimento das “leis” de reavivamentos: “um reavivamento não um milagre . . . consiste inteiramente no exercício certo dos poderes da natureza. É um filosófico puramente [i.e. científico] resulta do bom uso dos meios . . . tanto como qualquer efeito produzido pela aplicação de meios.”<sup>15</sup> Finney argumentou que se os “meios” certos fossem empregado da melhor maneira, resultado certo seria um reavivamento, ou despertar religioso. As igrejas Americanas rapidamente reconheceram o valor desta nova metodologia. Se pudessem criar reavivamentos quase a vontade, controlariam os poderosos meios de fazer convertidos ao Cristianismo, e recrutariam membros da igreja num sistema altamente competitivo do denominacionalismo Americano. Reavivamentos e Despertamentos podia também ser ferramenta útil para espalhar a influência Cristã em toda a parte dos Estados Unidos, que elegeu não estabelecer a Cristandade em qualquer de suas formas como sua religião “nacional”, e que abraçou uma Constituição nacional “secular” e estrutura política. Reavivalismo assim tornou-se o motor do “denominacionalismo” Americano quando tomou a sua forma distinta na primeira metade do século 19.

### **“PERFEICIONISMO WESLEIANO”**

Este tópico dificilmente necessita de comentário. O “Movimento de Santidade” existiu para promover a santidade Cristã, como expressado na doutrina de santificação inteira, plena santificação, ou perfeição Cristã como ensinado mais notavelmente por John Wesley no século 18, e perpetuado para o século 19 pelos seguidores “Metodistas” de Wesley. O “Movimento de Santidade” começou com os Cristãos que eram preocupados que a doutrina da santificação inteira ou perfeição Cristã estivesse a ser esquecida ou negligenciada nas igrejas metodistas nos Estados Unidos. Se ou não era verdadeiramente doutrina de Wesley que o Movimento de Santidade (e as igrejas que cresceram delas) promoveu de certeza calorosamente debatido. Mas se ou não fosse, o Movimento de Santidade sempre entendeu a sua missão como a propagação da santidade de coração e vida como articulado muito claramente persuasivamente por John Wesley e seus Metodistas. Assim, “a perfeição Wesleiana,” contudo percebeu e interpretou, foi o coração teológico e experimental do Movimento de Santidade.

Assim, os três elementos (Mente Americana, reavivalismo, Perfeicionismo Wesleiano) encontrou e misturou na dinâmica e formas criativas de formar o Reavivamento de Santidade, ou

---

<sup>15</sup> *Conferências em Religião de Reavivamentos*, 13.

Movimento de Santidade do século 19. O perfeccionismo Wesleiano era o seu coração, mas o perfeccionismo Wesleiano entendeu e interpretou dentro do contexto de Cristandade e cultura do século dezanove. O teólogo chefe do Movimento e portavoz mais visível, Phoebe Palmer (1807-1874), exemplifica a forma “Americana” e “revivalística” de apropriar Wesley na sua bem-conhecida simplificada clara e definida “caminho mais difícil” à bênção de santificação inteira e perfeição Cristã. Assim também alguém pode traçar a mão de orientação de revivalismo na Associação Reunião do Campo Nacional para a promoção da Santidade na 1867 e todas as organizações subsequentes para promover santidade, quase todos quais começaram originalmente a fim de conduzir “reavivamentos de santidade,” e depois pelo tempo expandiu suas actividades, as vezes envolvendo as igrejas (ou “missão”). De facto, a tendência do Movimento de Santidade produz resultados organizacionais – as várias “igrejas de santidade” independentes que vieram à existência pelos finais do século 19 – é em si típico do descontraído ambiente cultural e religioso Americano no qual o Movimento de Santidade se desenvolveu. Movimentos para reformarem a igreja e sociedade, novos Movimentos religiosos buscando “restaurar” negligenciar elementos da Cristandade primitiva, e novas “igrejas” dadas espaço pelo sistema denominacional Americano e inspiradas pela impaciência Americana com processo e preferência para a acção decisiva, definida e inovação pragmática foram a maior característica da América no século 19.

Este foi o mundo no qual a Igreja do Nazareno veio à existência. Foi um produto do Movimento de Santidade Americano. Era conhecida de que tinha um “especial chamado” e uma razão para separar-se das muitas já existentes denominações nos Estados Unidos. Ela existiu, como um dos fundadores chefes disse, “Simplesmente porque ela é necessária.”<sup>16</sup> Carregou desde o princípio um zelo evangélica-reavivalista para agressivamente espalhar a sua mensagem de “salvação plena.”

Desde o começo a Igreja do Nazareno carregou o “DNA” do Movimento de Santidade – a Mente Americana, reavivalismo predominante, e Perfeccionismo Wesleiano. Proponho que a sua “hereditariedade” formou largamente a trajectória de seu desenvolvimento através de muito do século 20, evidente em tal característica como:

- O seu sentido de “especial chamada” (justificação necessária para o lugar de alguém dentro do sistema denominacional da América)

---

<sup>16</sup> Phineas F. Bresee no *Mensageiro Nazareno*, Agosto 18, 1904, 6.

- O seu fervor pelo reavivalismo e “alcance evangelístico” (reavivalismo Americano)
- Seu profundo cometimento a “missões”/” evangelismo mundial” (o sentido Puritano e Americano de “exceptionalismo” e missão especial ao mundo – conjugado com certeza ao cometimento à fidelidade da “Grande Comissão”)
- Sua tendência de “inovar” em assuntos de organização ou governação (geralmente exibindo um preconceito a formas “democráticas” de organização, mas também profundamente preocupado acerca de “eficiência” e “consenso” – reflectindo estruturas políticas democráticas Americanas, assim como pragmatismo)

Estas, e muitas outras características muito numerosas para examina-las aqui, todas testificam às origens da Igreja do Nazareno.

Contudo, experiência e “educação” assim como hereditariedade também afecta o crescimento e desenvolvimento de seres humanos, e assim é com as instituições. A Igreja do Nazareno encontrou muitos “mundos” durante os seus primeiros cem anos, do qual demandaram sincera avaliação de si mesma, seu passado, e a sua futura direcção. Isto ocorreu especialmente durante a segunda metade do século 20 quando a igreja cresceu exponencialmente fora da América do Norte assim como significativamente expandiu o seu trabalho entre diversos grupos étnicos e raciais na América do Norte.<sup>17</sup> neste período do crescimento e presença global expandida, o que é que podia pensar sobre nós mesmos como Nazarenos? O que temos sido é bem claro. O que poderemos ser é o nosso grande desafio, e nossa mais grande oportunidade, ao sairmos para o futuro de Deus.

---

<sup>17</sup> Ver Cunningham, et al., *O Nosso Lema e Canção*, especially 378-618.